

## *Indulgência plenária*

*Tem coisa nessa vida  
Que não tem explicação  
Memo que a gente duvida  
Memo que que a gente diga não  
Memo com tanta briga  
Quando não há saída  
Vem a vida e dá um tapão*

*Pois num é que a prova  
Disso tudo vou lhes contar  
De uma moça, quer dizer, senhora  
Atravessou pro mundo de lá  
E ainda viva da silva  
Com sua mente sadia  
Teve história pra contar*

*A senhora da qual digo  
É membro da minha família  
Com mais de 8 filho  
Hoje não está mais viva  
Mas quando viva era  
Podia vir uma fera  
Que tratava como cutia*

*Mulher de bravura e fé  
De terço amarrado na mão  
Rezava sempre de pé  
Ou de joelho no chão  
Era muito sorridente  
Falava sempre pra gente  
Nunca deixar de ser bão*

*Pois agora entro na história  
Do tal caso acontecido  
Da travessia dessa senhora  
Pro outro lado, eu digo  
Num me aperreie, não  
Se não num conto mais não  
Nem canto mais um bendito*

*Certa Sexta tava a vó  
Rezando de frente pros santo  
Na casa ela tava só  
A vela alumiaava só o canto  
Donde tava sua mesa  
E com voz rouca, sem fraqueza  
Arribava forte seu canto*

*Foi quando ela deu fé  
A vela alumiou mais forte  
Bem mais forte até  
Que pensou que fosse a morte  
Que chegara num supapo  
No mei da reza, sem papo  
Com uma foice pro corte*

*Mas num era isso não  
Pois logo após a luz  
Algo pegou em sua mão  
Que fazia com os dedo uma cruz  
Era um homem de chapéu  
Veio direto do céu  
O Padin Ciço Romão.*

*Baixo disse: "minha filha  
Se for de vosso desejo  
Lhe tenho uma notícia  
Mas leva-te em segredo  
Me prometa firmemente  
Pois ficarei contente  
Se fizer o que lhe ensejo"*

*Ela logo deu um supapo  
E caiu no chão batido  
Não podia ter acreditado  
No que havia visto  
E ainda mais lhe falou  
O padin Ciço confiou  
Um segredo benzido*

*Como toda devota  
Do patriarca assim sendo  
Lhe confirmou a sinhora  
Ao santo reverendo  
Ajeitando seu vestido  
Estampado no comprido  
Com vergonha agradecendo*

*E como é de tradição  
Em toda casa do lugar  
Digo do nosso sertão  
Donde nasci e desejo deitar  
Antes de qualquer conversar  
Oferece um pão e chá  
E um tamburete pra sentar*

*O padin acrescentou  
"Traga água se puder  
Daqui pra outro canto vou  
Vim de longe e vim a pé  
O conversar será rápido  
Pois tô muito avexado  
E ainda tinha missa la no cér"*

*"Que missa era essa?"  
Perguntou lá da cozinha  
"Se a missa era reza"  
Pensou minha vozinha  
"Pros que tiveram os pecado  
Por ser perdoado  
As pobres alminhas"*

*Confirmou o velho padre  
Pondo seu chapéu na parede  
Sem prego que agarrasse  
Ou gancho de rede  
A janela logo abriu  
Sentou, se escorou e sorriu  
Como se a casa fosse dele*

*A vó chegou com o copo  
Entregou ao sacerdote  
Bebeu tudo tão logo  
Terminasse em dois gole  
"Melhor água não há"  
Pôs-se a falar  
"É essa que vem do pote"*

*"O chá tá no fogo  
Breve trago pro sinhô  
Pode ser o de bodo?  
Doutro tinha e acabô  
Pão que tenho é de hoje  
E memo que num fosse  
Lhe trazia com amor"*

*"Também venho da pobreza  
E do privilégio já provei  
Mas essas coisas de riqueza  
Não vem de Deus Rei  
Minha filha fique calma  
Que tudo que lhe falta  
Venha em dobro no além"*

Já era manhãzinha  
Minha vó já tinha notado  
Que pela janelazinha  
O Sol tinha entrado  
Só podia ser poder  
Do padre a benzer  
Tudo que era tocado

Daí lhe perguntara  
Pro mode lhe dava graça  
Da visita abençoada  
Em sua humilde casa  
O padre respirou  
No tamburete se ajeitou  
E da missão falara:

"Poucos são os bons  
Até que os encontre  
Pois os seus dons  
Não mostram aos monte  
Pois creditam piamente  
Que tais dons à gente  
Não é coisa que se conte"

E tirando do seu bolso  
Numa estola amarrado  
Algo bem curioso  
De um porte condensado  
Quadrado e bem leve  
Disse o padre: "vamo, pegue  
Trouxe bem guardado"

Enquanto ela abria  
Escutava a narração  
Do padre Cícero que havia  
Vivido mais que um tempão  
Seu coração forte batia  
Sentou enquanto ouvia  
Seu breve sermão

"Houve um tempo de guerra  
Do qual não honro lembrar  
Mas de tudo nessa terra  
Há algo de bom de se tirar  
O homem cria armas  
Mas também cria asas  
Depende de como usar"

"Era o ano de 14  
A briga comia de esmola  
Muito gente que lhe estorve  
Amanhã, sem demora  
Está firme do seu lado  
E quem tem lhe ajudado  
Oportuno te degola"

"Depois de todo o conflito  
Tive a triste missão  
De andar entre os vivos  
E entre corpos no chão  
Muitos filhos da terra estavam  
Outros vindos de fora findavam  
Eu só via ali irmão"

"Dentre tantos, um deitado  
Suplicava por mim  
Era de Fortaleza o soldado  
À beira de seu fim  
Fui ao seu encontro  
Toquei-lhe no seu ombro  
A unção lhe dava ali"

*Enquanto ele falava  
A vó atenta ouvia  
Saiu e voltou à sala  
Na bandeja o chá trazia  
E o velho reverendo  
Com seu olhar atento  
A sobancelha franzia*

*"Mas a pressa da morte  
Naquele triste instante  
Foi muito mais forte  
Marcando seu semblante  
Num suspiro foi embora  
Antes de sua hora  
Um amém foi o bastante"*

*"Ele matou almas  
E em troca perdeu a sua  
Mas firme em sua palma  
De sua mão suja e nua  
Um livro de orações  
Mais do que mil canhões  
Era a arma mais pura"*

*"Este agora trago aqui  
E entrego em suas mãos  
Suas páginas todas li  
E a todas dei benção  
E todos que rezarem  
Fielmente jurarem  
Indulgências plenárias conseguirão"*

*Minha vó muito crente  
Se benzeu ao abrir o livro  
E pela porta da frente  
O padre já tinha sumido  
Mas ainda de relance  
Viu por um instante  
O mundo donde tinha vindo*

*É coisa doutro mundo  
Para além da nossa cachola  
Té a vista perder rumo  
Nessa terra que a seca assola  
Minha vó voltou pra cá  
Sem nada poder contar  
Mas com um livro e uma estola*